

TENDÊNCIAS E SAZONALIDADES NAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE UVA DE MESA¹

Joelsio José Lazzarotto²
João Caetano Fioravanço³

1 - INTRODUÇÃO

Especialmente nos últimos anos, o comércio mundial de frutas tem apresentado significativa ampliação devido, em grande parte, a mudanças importantes relacionadas com hábitos, padrões e renda dos consumidores que, de forma crescente, vêm se direcionando para a aquisição de alimentos frescos e que apresentam maiores garantias em termos de qualidades nutricionais, sanitária e organoléptica.

Nesse contexto, a uva de mesa está entre as frutas de maior destaque, pois, nas últimas duas décadas, enquanto a produção com finalidades para atender demandas de consumo *in natura* tem crescido a taxas anuais próximas de 13%, as exportações mundiais do produto foram incrementadas em cerca de 26% a.a. Diante disso, atualmente, do total de uva de mesa produzida mundialmente, em torno de 19% é comercializado no mercado internacional; no início da década de 1990 o volume desse comércio era de apenas 12% (FAO, 2012; OIV, 2012).

Dentre os países produtores e exportadores, o Brasil, apesar de ser o terceiro maior produtor mundial de frutas (FACHINELLO; NACHTIGAL, 2009) e de apresentar condições agroecológicas muito favoráveis para a exploração de diversas atividades ligadas à fruticultura de climas tropical, subtropical e temperado, ainda tem participação bastante marginal na produção e no comércio exterior de uva de mesa. Apesar disso, nos últimos anos, de acordo com estatísticas da FAO (2012), da OIV (2012) e da MDIC/SECEX (2012), ele se encontra entre os países que têm experimentado destacado crescimento em termos de produção, exportação, importação e consumo do produto em discussão.

Partindo dessas considerações iniciais,

e assumindo que o conhecimento da dinâmica comportamental das exportações e importações de um produto qualquer pode ser de grande relevância para, entre outras coisas, auxiliar na elaboração e implantação de políticas relacionadas, principalmente, com planejamentos da produção e comercialização, foi desenvolvido este trabalho. De maneira geral, buscou-se avaliar, sobretudo, tendências e sazonalidades recentes vinculadas com as exportações e importações brasileiras de uva de mesa. Como objetivos específicos, foram definidos três: 1) discutir aspectos gerais acerca da evolução da produção e do mercado brasileiros de uva de mesa, destacando os principais países importadores e exportadores; 2) avaliar tendências associadas, principalmente, com quantidades e preços das exportações e importações nacionais da fruta; e 3) mensurar e analisar comportamentos sazonais referentes aos preços e volumes exportados e importados de uva de mesa pelo Brasil.

2 - FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Muitos dos estudos que procuram avaliar o comportamento histórico de determinadas variáveis estão associados com análises de séries temporais. Uma série temporal, de acordo com Gujarati (2006), consiste em um conjunto de observações dos valores que uma variável assume em diferentes momentos. Esses valores, gerados e ordenados sequencialmente no tempo, podem ter distintas dimensões temporais (diária, semanal, mensal, anual, etc.) (FAVA, 2000).

Na prática, a análise de séries temporais pode ser de grande utilidade. Margarido et al. (2003) ressaltam, por exemplo, que, para os consumidores, o conhecimento do padrão temporal de oferta de um determinado produto pode criar maiores vantagens no sentido de adquiri-lo na época mais adequada, em que apresenta melhor qualidade e menores preços. Para os produtores, propicia melhores condições para

¹Registrado no CCTC, IE-57/2012.

²Médico Veterinário, Doutor, Pesquisador da Embrapa Uva e Vinho (e-mail: joelsio@cnpuv.embrapa.br).

³Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador da Embrapa Uva e Vinho (e-mail: fioravanco@cnpuv.embrapa.br).

planejar o processo produtivo, favorecendo a redução de custos de produção e de comercialização. Por sua vez, em nível de governo, esse conhecimento também pode auxiliar no estabelecimento de melhores instrumentos de políticas públicas de abastecimento.

Nos modelos clássicos de análises de séries temporais, pressupõe-se que a variação total dos dados pode ser decomposta em quatro componentes básicos: tendência, sazonalidade, ciclo e volatilidade. Nesses modelos, conforme salientado por Fava (2000), uma série temporal pode resultar da combinação desses quatro componentes ou de um subconjunto deles. Diante disso, Arêdes, Pereira e Santos (2008) enfatizam que a análise clássica pode ser realizada com o objetivo de avaliar cada componente isoladamente ou de "limpar" a série, ou seja, retirar determinado componente para que essa fique isenta de comportamentos implícitos, que podem confundir as análises.

Em termos específicos, baseando-se em alguns autores (CHATFIELD, 1996; FAVA, 2000; LAMOUNIER, 2007; ARÊDES; PEREIRA; SANTOS, 2008), pode-se fazer algumas considerações principais acerca de cada um dos referidos componentes. Com relação à tendência, a mesma representa um movimento contínuo (ascendente ou descendente) e de longa duração na trajetória dos dados. Portanto, ela reflete o declínio, a elevação ou a estabilidade no longo prazo, e pode ser definida como qualquer mudança sistemática, nesse horizonte temporal, no nível médio da série. Entre os fatores que podem determinar uma tendência em uma variável econômica (por exemplo, preços), pode-se citar, como exemplos, do lado da oferta, as novas tecnologias, e, do lado da demanda, a população, a renda e a educação dos consumidores.

A sazonalidade corresponde a um movimento oscilatório, que ocorre com regularidade em subperíodos de um período de tempo fixo, geralmente um ano, ou seja, refere-se a movimentos sistemáticos para cima e para baixo, em torno de um valor médio, repetindo-se em um dado período de tempo fixo. Os efeitos sazonais podem ser decorrentes de diversos fatores, como mudanças climáticas, preferências, períodos de safra e entressafra e datas específicas durante o ano.

O componente cíclico refere-se a oscilações de longo prazo em torno do nível médio

de uma série (a tendência), as quais podem ser periódicas ou não, não apresentando, obrigatoriamente, a mesma amplitude, extensão ou continuidade em intervalos de tempos iguais. Os ciclos, em geral, são oriundos de variações cíclicas na oferta de um determinado produto.

Por fim, a volatilidade consiste em um movimento esporádico e irregular, que decorre de fatores estritamente aleatórios e de diversas naturezas que podem afetar a produção, o consumo e a distribuição de determinado produto. É, portanto, um tipo de movimento oscilatório não sistemático, de curta duração e sem repetição, cujas variações são imprevisíveis, pois decorrem de fenômenos incontroláveis, como intempéries climáticas e crises econômicas.

Com base nessas considerações teóricas, este trabalho esteve alinhado com os pressupostos clássicos das análises de séries temporais. Para tanto, estabeleceu-se como foco principal a realização de avaliações de tendências e sazonalidades de séries de quantidades e preços de exportação e importação brasileiras de uva de mesa.

3 - ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para desenvolver este trabalho foi realizada uma pesquisa quantitativa, com natureza descritiva-exploratória. A pesquisa descritiva procura expor as características de determinado fenômeno, ou seja, consiste em descrever o objeto de estudo, não tendo como preocupação central explicá-lo (VERGARA, 2009). Por sua vez, um estudo exploratório, em que não são elaboradas hipóteses a serem testadas com a investigação científica, tem por finalidade familiarizar-se com certo fenômeno, buscando-se maiores informações sobre o mesmo (GIL, 2002; CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007). Diante disso, utilizando-se de dados secundários associados, sobretudo com variáveis de exportação e importação brasileiras de uva de mesa, foram gerados resultados que auxiliam, principalmente, na compreensão da dinâmica comportamental recente relacionada com essas variáveis.

Em termos específicos, foram utilizadas séries temporais mensais e anuais referentes a preços e quantidades importadas e exportadas de uva de mesa pelo Brasil. Essas séries compreendem o período de janeiro de 1997 a de-

zembro de 2011.

Para analisar o componente tendência, foram realizadas avaliações gráficas e estimadas taxas de crescimento total (CT) e geométrico (CG). As taxas de CT representam os crescimentos relativos observados entre o valor final e o inicial de cada série analisada (por exemplo, dezembro de 2011/janeiro de 1997). Por outro lado, as taxas de CG indicam os crescimentos periódicos (por exemplo, mensal ou anual) das distintas séries, sendo, de acordo com Gujarati (2006), calculadas a partir da definição do modelo (1).

$$Y_t = Y_0(1+r)^t \quad (1)$$

em que:

Y_t é a série analisada;

Y_0 é o valor inicial da série;

t indica o tempo ($t=0, 1, \dots, n$); e

r corresponde à taxa de crescimento de Y_t ao longo do tempo.

Quanto ao comportamento sazonal das séries temporais, o mesmo foi avaliado, principalmente, por meio de indicadores sazonais (ISAZ), estimados com o emprego do método das médias móveis aritméticas centralizadas (MMC), que permite filtrar as variações sazonais e aleatórias presentes nos dados originais. Baseando-se em Newbold (1994), de maneira sumarizada, esse método consiste no cumprimento de cinco etapas principais: 1) organizar, sequencialmente, a série temporal a ser analisada; 2) calcular as médias móveis centralizadas mediante utilização da expressão (2); 3) calcular o índice estacional simples para cada mês, que consiste no resultado da relação entre o valor original do mês e a média móvel centralizada do respectivo mês, multiplicado por 100; 4) calcular o índice estacional médio de cada mês, que corresponde à média aritmética dos índices estacionais de cada mês; e 5) caso a média geral dos índices estacionais mensais não seja igual a 100, cada índice estacional mensal médio deve ser ajustado mediante multiplicação por um fator de correção, que é igual a 100 dividido pela média geral dos índices estacionais, obtendo-se, assim, os valores dos índices sazonais de cada mês. Em termos de interpretação, tem-se que índices mensais menores e maiores que 100 indicam a ocorrência de valores, respectivamente, abaixo e acima da média.

$$MMC_{ij} = \frac{\sum_i^{6-i+6} X_{ij}}{13} \quad (2)$$

em que:

MMC_{ij} corresponde à média móvel relativa ao mês i do ano j (neste estudo, i varia entre janeiro e dezembro e j entre 1997 e 2011); e

X_{ij} representa o valor original da série no mês i do ano j .

Com relação às fontes dos dados utilizados no trabalho, destaca-se que as séries históricas de quantidades e preços associadas com exportações e importações brasileiras de uva de mesa foram obtidas no Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (Alice Web), da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). As séries de preços foram deflacionadas, para janeiro de 2012, pelo índice de preços ao produtor dos Estados Unidos. Esse procedimento, além de descontar o efeito da inflação, constitui um meio de avaliar o poder de compra dos dólares obtidos pelas exportações ou pagos pelas importações brasileiras da fruta.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 - Aspectos Gerais da Produção e do Mercado Brasileiros de Uva de Mesa

Em termos gerais, a tabela 1 traz, para o período de 1997 a 2011, dados referentes à produção e ao mercado de uva de mesa no Brasil. Nota-se que, nos últimos 15 anos, houve crescimento altamente expressivo nas exportações do produto (1.503,7%), decorrente de um incremento anual médio da ordem de 22,9%. Por outro lado, a produção, a importação e o consumo aparente da fruta tenderam a apresentar taxas de crescimento muito próximas, variando entre 3,5% e 4,3% a.a.

Sobre a produção, é relevante ressaltar que as uvas de mesa no Brasil podem ser divididas em dois grupos: um formado pelas uvas finas (*Vitis vinifera*), representado principalmente por cultivares como a Itália e suas mutações (rubi, benitaka e brasil), red globe, red meire e as sem

TABELA 1 - Produção, Exportação, Importação e Consumo Aparente¹ de Uva de Mesa no Brasil, 1997 a 2011

Ano	Prod. (P) (t)	Export. (E) (t)	Import. (I) (t)	Cons. apar. (C) (t)	E/P (%)	I/P (%)	E/I (%)	C/P (%)
1997	441.156	3.705	23.138	460.589	0,84	5,24	16,01	104,41
1998	387.947	4.405	26.492	410.034	1,14	6,83	16,63	105,69
1999	398.479	8.083	8.599	398.995	2,03	2,16	94,00	100,13
2000	429.271	14.350	9.903	424.824	3,34	2,31	144,90	98,96
2001	596.719	20.687	7.470	583.502	3,47	1,25	276,95	97,78
2002	613.775	26.398	11.066	598.443	4,30	1,80	238,55	97,50
2003	628.988	37.650	7.619	598.957	5,99	1,21	494,16	95,23
2004	657.052	28.852	6.085	634.286	4,39	0,93	474,13	96,54
2005	696.246	51.219	8.387	653.414	7,36	1,20	610,67	93,85
2006	757.685	62.297	12.087	707.475	8,22	1,60	515,42	93,37
2007	717.835	79.081	15.550	654.303	11,02	2,17	508,57	91,15
2008	691.220	82.242	12.565	621.544	11,90	1,82	654,51	89,92
2009	667.550	54.639	18.665	631.577	8,18	2,80	292,73	94,61
2010	737.554	60.805	24.795	701.544	8,24	3,36	245,23	95,12
2011	627.423	59.417	34.083	602.089	9,47	5,43	174,33	95,96
CT ² (%)	42,22	1.503,73	47,30	30,72	1.027,62	3,57	988,72	-8,09
CG ³ (%)	4,34	22,91	3,49	3,52	17,80	-0,81	18,76	-0,78

¹Consumo aparente corresponde ao resultado da produção mais importação menos exportação

²CT = crescimento total (2011/1997).

³CG = crescimento geométrico anual.

Fontes: Dados de produção obtidos em estimativas publicadas pela Embrapa Uva e Vinho (MELLO, 2000, 2004, 2008, 2012); demais dados obtidos em MDIC/SECEX (2012).

sementes (centennial seedless, superior seedless ou festival, thompson seedless, perlette, catalunha e crimson seedless); e outro pelas uvas comuns ou rústicas (*Vitis labrusca*), cuja representante principal é a cultivar niágara rosada (NACHTIGAL, 2003; PROTAS; CAMARGO, 2011).

Apesar do amplo aumento, o volume de uva de mesa comercializado internacionalmente e que pertence exclusivamente ao grupo das cultivares *Vitis vinifera* ainda representa menos de 10% de toda a produção nacional, fazendo com que o Brasil, de acordo com dados da FAO (2012), ocupe apenas a 18^a posição nas vendas mundiais do produto; em 2009, contribuiu com somente 1,4% das exportações mundiais da fruta.

Quanto às importações, evidencia-se, sobretudo a partir de meados da última década, uma clara tendência de significativa ampliação, levando a uma diminuição na relação entre as quantidades exportadas e importadas: se em 2005 as exportações eram 510,7% maiores que as importações, em 2011 esse valor foi de somente 74,3%. Essas constatações também podem ser observadas na figura 1, a qual, na parte (a), mostra a evolução das exportações e impor-

tações e, na parte (b), traz o comportamento histórico recente da relação entre as vendas e compras externas do produto.

A maior aproximação entre os volumes exportados e importados pode, em parte, ser explicada por diferenciais de preços e sazonalidades. Sobre os preços reais médios (US\$/kg), enquanto entre 1997 e 2011 houve para as exportações crescimentos totais e anuais da ordem, respectivamente, de 62,5% e 3,9%, e para as importações registrou-se certa estabilidade nos preços pagos. Com isso, a relação preços de exportação/preços de importação, no referido período, cresceu 67,4% (3,9% a.a.); se no ano de 2000 praticamente não existiam diferenças entre os dois preços discutidos, em 2011 o preço médio de exportação foi 75,7% maior que o preço médio de importação.

Na figura 2, pode-se observar ainda que, principalmente a partir do início dos anos 2000, os preços médios reais de exportação de uva de mesa, além de se tornarem superiores, tenderam a crescer a taxas muito maiores que a dos preços reais médios de importação do produto. O aumento nos preços da fruta exportada deve-se, em grande parte, à estratégia adotada pelo

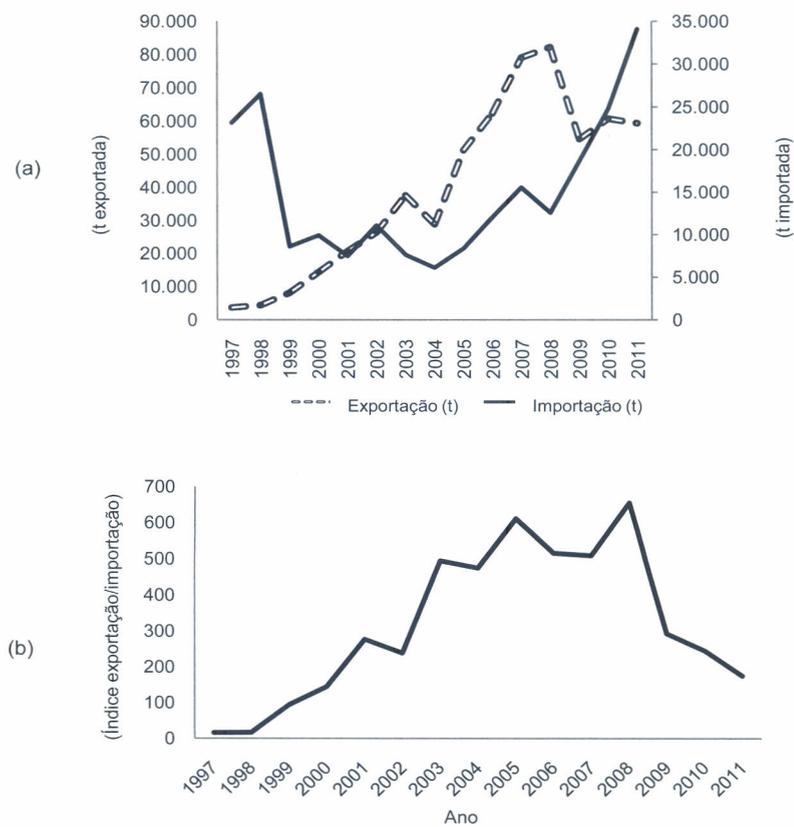


Figura 1 - Evolução das Exportações e Importações Brasileiras de Uva de Mesa pelo Brasil, 1997 a 2011.
Fonte: Elaborada a partir de dados de MDIC/SECEX (2012).

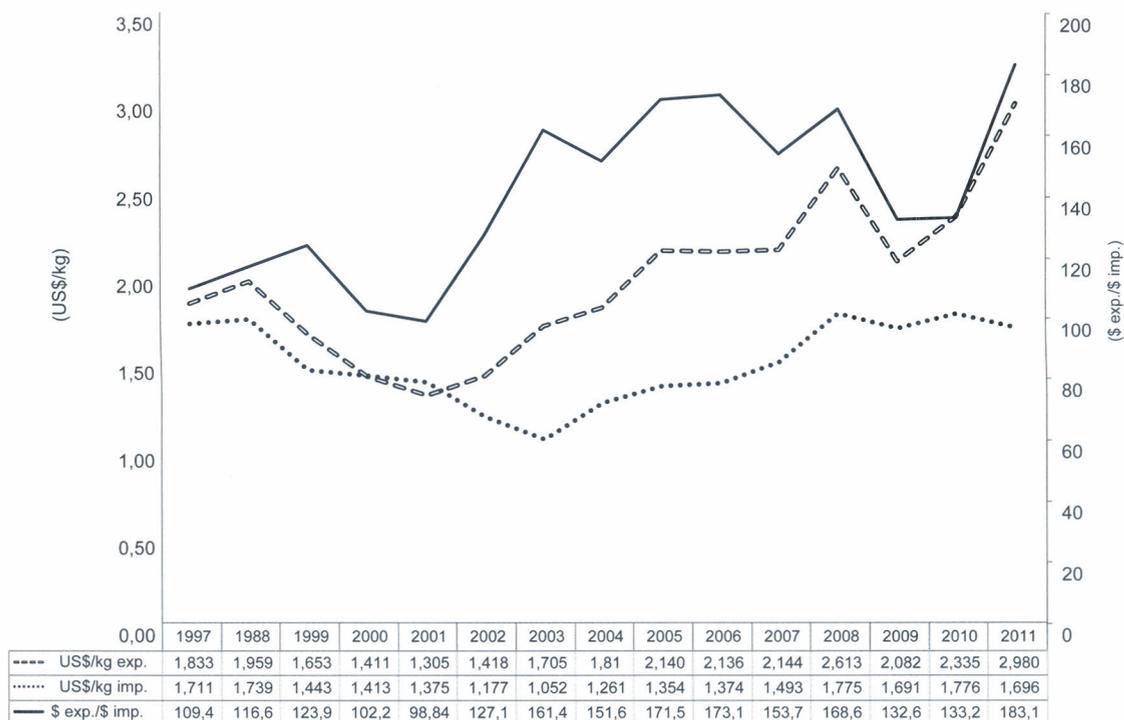


Figura 2 - Evolução dos Preços Reais Médios de Exportações e Importações Brasileiras de Uva de Mesa, 1997 a 2011.
Fonte: Elaborada a partir de dados de MDIC/SECEX (2012).

setor produtivo exportador, localizado, principalmente, na região do submédio São Francisco, com destaque para os municípios de Petrolina, Estado de Pernambuco, e Juazeiro, Estado da Bahia, que responde por grande parte da produção e por mais de 99% das exportações nacionais do produto (Figura 3).

Diante das características regionais e de readequação das técnicas de produção, o setor em questão, especialmente a partir do início dos anos 2000, ajustou a colheita de uvas de mesa, com e sem sementes, destinadas ao mercado externo, para ser realizada principalmente nos períodos de entressafra do mercado internacional, quando os preços apresentam-se mais elevados (SILVA; COELHO, 2010; FACHINELLO et al., 2011). Assim, parte dos parreirais irrigados dos polos frutícolas do Nordeste, a partir do uso intensivo de tecnologias e clima propício, passou a ser conduzida para cobrir janelas de mercado mundial, formadas, sobretudo, entre outubro e dezembro (FUNCKE et al., 2009). Ou seja, nesse período existe entressafra da produção tanto nos países produtores do hemisfério norte, como na maior parte daqueles do hemisfério sul.

Ressalta-se que as expressivas taxas de crescimento associadas com as exportações de uva de mesa devem-se à ampliação acentua-

da, sobretudo nos anos 2000, na viticultura dos Estados de Pernambuco e da Bahia, cuja produção é direcionada, principalmente, para atender demandas de consumo *in natura*. Contudo, por meio da tabela 2, pode-se observar que, especialmente na Bahia, nos últimos três anos diminuiu de forma significativa a produção da fruta, devido, em grande parte, a problemas recentes de competitividade enfrentados pelo setor exportador.

Sobre os problemas de competitividade, é pertinente assinalar que, a partir da crise econômica internacional de 2008, o segmento de uvas de mesa do submédio São Francisco também entrou em crise. De acordo com Protas e Camargo (2011), estimativas da Associação dos Produtores e Exportadores de Hortifrutigranjeiros do Vale do São Francisco indicam que, na atualidade, o preço de venda se equivale ao custo de produção. Adicionalmente, os autores assinalam outros problemas relevantes associados com a competitividade da região: 1) surgimento de novos exportadores, como é o caso do início de produção de uvas sem sementes em escala empresarial na região de Piura (Peru), onde os custos são menores, ao mesmo tempo em que apresenta condições excelentes para a colheita no final do ano (sem risco de ocorrência de chuvas), principal época de exportação das uvas do sub-

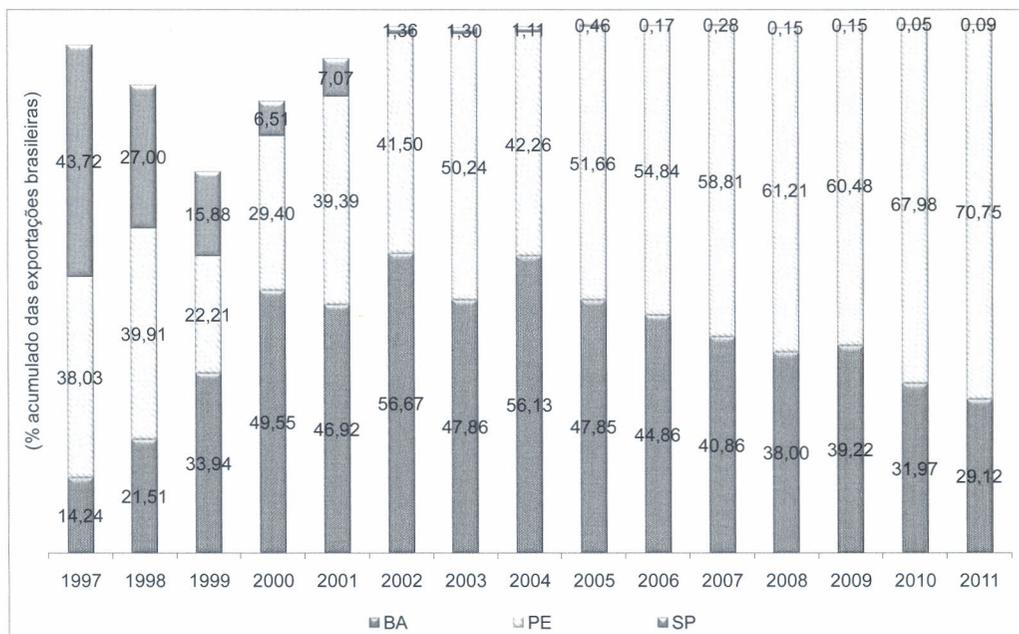


Figura 3 - Os Três Estados Brasileiros Maiores Exportadores de Uva de mesa: evolução relativa à participação nas exportações nacionais do produto, 1997 a 2011.

Fonte: Elaborada a partir de dados de MDIC/SECEX (2012).

TABELA 2 - Evolução da Produção de Uva nos Estados Maiores Produtores do Brasil, 1997 a 2012

(t)

Ano	RS	PE	SP	PR	BA	SC	MG	CE	GO	Brasil
1997	456.008	21.413	227.140	71.838	67.631	35.703	6.460	375	25	890.708
1998	348.368	49.973	185.230	70.929	70.031	35.419	10.585	100	87	774.352
1999	502.950	85.414	176.190	74.679	46.767	30.610	10.750	43	Si	931.500
2000	532.553	86.078	198.018	80.407	68.292	40.541	12.549	86	80	1.024.482
2001	498.219	102.142	213.329	97.357	84.344	42.864	13.192	1.241	74	1.058.579
2002	570.181	99.978	231.775	99.118	83.333	41.093	16.184	1.949	47	1.148.648
2003	489.015	104.506	224.470	102.974	83.694	41.709	13.464	1.713	474	1.067.422
2004	696.599	152.059	193.300	96.662	85.910	46.007	13.068	2.245	490	1.291.382
2005	611.868	150.827	190.660	99.253	109.408	47.971	14.389	1.831	2.015	1.232.564
2006	623.878	155.781	195.357	95.357	117.111	47.355	12.318	2.172	2.398	1.257.064
2007	704.176	170.325	198.123	99.180	119.610	54.603	11.995	2.381	5.059	1.371.555
2008	776.964	165.075	193.534	101.500	97.481	58.330	13.711	2.624	5.619	1.421.431
2009	737.363	158.517	185.123	102.080	90.508	67.543	11.773	2.908	3.172	1.365.491
2010	692.901	195.168	188.022	103.394	78.283	66.031	10.113	6.650	3.762	1.351.160
2011	829.589	208.660	177.227	88.171	65.172	67.376	9.873	si ⁴	si ⁴	1.446.068
2012	840.296	224.778	176.992	70.500	60.289	70.909	9.651	si ⁴	si ⁴	1.453.415
P97 ¹ (%)	51,20	2,40	25,50	8,07	7,59	4,01	0,73	0,04	0,00	100,00
P12 ¹ (%)	57,82	15,47	12,18	4,85	4,15	4,88	0,66	nc ⁵	nc ⁵	100,00
CT ² (%)	84,27	949,73	-22,08	-1,86	-10,86	98,61	49,40	nc ⁵	nc ⁵	63,18
CG ³ (%)	4,77	11,77	-0,89	1,24	1,42	5,39	0,36	nc ⁵	nc ⁵	3,83

¹P97 (%) e P12 (%) representam as participações de cada estado no volume total de uvas produzidas no Brasil nos anos, respectivamente, de 1997 e 2012.

²CT (%) = crescimento total (2012/1997).

³CG = crescimento geométrico anual.

⁴si = sem informação.

⁵nc = não calculado.

Fonte: Elaborada a partir de dados de IBGE (2012).

médio São Francisco; 2) grande escassez e alto custo da mão de obra regional, que agrega outros custos derivados, quer dos processos de certificações, exigidos pelos importadores, quer pela própria legislação trabalhista nacional; 3) dificuldades competitivas também no mercado interno, pois as uvas sem sementes importadas do Chile são ofertadas a preços muito competitivos; 4) gargalos de logística, especialmente porque as exportações da fruta, normalmente realizadas pelos portos de Salvador, Recife e Fortaleza, enfrentam dificuldades de agendamento de embarque, haja vista que os navios vindos do sul, já carregados com outros produtos, muitas vezes não reservam o espaço solicitado para o carregamento da uva; e 5) do ponto de vista organizacional, existe um retrocesso nos últimos anos com a individualização, por parte da maioria das empresas, tanto nas exportações como na comercialização no mercado interno, a qual depende de intermediários e

atacadistas para colocar a uva nos principais centros consumidores do país.

4.2 - Países Importadores e Exportadores de Uva de Mesa

Utilizando dados médios trienais, a tabela 3 possibilita perceber que oito países respondem por mais de 95% do total das importações da fruta brasileira. Dentre esses países, cuja maioria também é responsável pela maior parte das importações mundiais do produto, os maiores destaques são a Holanda, os Estados Unidos e o Reino Unido, que no período 2009/ 2011 importaram 90,1% do total. Sobre a Holanda, cabe enfatizar que, no contexto internacional, embora tenha uma produção muito pequena, representa um dos países maiores importadores e exportadores de uva de mesa, ou seja, a Holanda é grande importadora e reexportadora da fruta.

TABELA 3 - Exportações e Importações Brasileiras de Uva de Mesa, Médias por Períodos dos Oito Países Maiores Exportadores e Importadores, 1997 a 2011

Período	Exportações brasileiras de uva de mesa (t)								
	Holanda	EUA	Reino Unido	Alemanha	Noruega	Canadá	Rússia	Argentina	Total
1997/99	2.348	13	130	79	21	60	0	2.353	5.398
2000/02	12.845	233	2.548	885	157	113	0	2.697	20.478
2003/05	25.621	2.455	7.153	950	459	243	95	504	39.240
2006/08	36.221	14.625	15.469	1.458	1.337	1.026	546	512	74.540
2009/11	24.715	13.941	13.863	880	1.129	747	278	375	58.287
P1 ¹ (%)	43,50	0,25	2,42	1,46	0,39	1,11	0,00	43,60	100,00
P2 ¹ (%)	42,40	23,92	23,78	1,51	1,94	1,28	0,48	0,64	100,00
CT ² (%)	952,56	104.564,51	10.525,46	1.014,78	5.226,24	1.149,71	nc ³	-84,06	979,86

Período	Exportações brasileiras de uva de mesa (US\$kg) - preços nominais								
	Holanda	EUA	Reino Unido	Alemanha	Noruega	Canadá	Rússia	Argentina	Total
1997/99	1,28	0,93	1,79	1,37	1,51	1,48	0	1,05	1,19
2000/02	1,01	1,40	2,23	0,99	1,03	1,01	0	0,84	1,14
2003/05	1,70	2,53	2,46	1,15	2,96	2,07	1,36	1,01	1,87
2006/08	1,89	2,10	2,20	2,08	3,03	2,87	1,90	1,83	2,06
2009/11	2,15	2,13	2,22	2,02	2,78	2,90	2,06	2,14	2,19
CT ² (%)	67,78	129,99	24,29	47,19	83,96	95,99	nc ³	103,87	84,57

Período	Importações brasileiras de uva de mesa (t)								
	Chile	Argentina	Espanha	Itália	Peru	México	EUA	Portugal	Total
1997/99	15.721	2.529	53	0	1	12	1.010	3	19.410
2000/02	7.285	2.037	73	0	0	0	60	0	9.480
2003/05	3.914	3.392	37	0	0	0	14	0	7.364
2006/08	5.473	7.690	152	5	0	6	72	2	13.401
2009/11	13.758	10.817	443	252	273	233	71	0	25.848
P1 ¹ (%)	81,00	13,03	0,27	0,00	0,00	0,06	5,20	0,01	100,00
P2 ¹ (%)	53,23	41,85	1,72	0,98	1,06	0,90	0,28	0,00	100,00
CT ² (%)	-12,49	327,71	739,93	nc ³	48.140,76	1.777,04	-92,95	nc ³	33,17

Período	Importações brasileiras de uva de mesa (US\$kg) - preços nominais								
	Chile	Argentina	Espanha	Itália	Peru	México	EUA	Portugal	Total
1997/99	1,11	0,94	1,25	0	0,82	0,78	1,10	1,40	1,08
2000/02	0,83	0,62	1,12	0	0	0	1,18	0	0,78
2003/05	0,81	0,59	1,23	0	0	0	1,06	0	0,71
2006/08	1,06	0,96	1,56	1,76	0	2,52	2,53	2,05	1,02
2009/11	1,39	1,35	1,86	2,01	2,21	2,47	2,53	0	1,41
CT ² (%)	25,38	43,25	48,95	nc ³	169,71	217,70	131,01	nc ³	29,99

¹P1 (%) e P2 (%) representam as importações (ou exportações) de cada país relativas ao volume total exportado (ou importado) pelo Brasil nos períodos, respectivamente, de 1997/1999 e 2009/2011.

²CT (%) = crescimento total entre os referidos períodos

³nc = não calculado.

Fonte: Elaborada a partir de dados de MDIC/SECEX (2012).

Ainda relacionado com os países importadores, constata-se que os Estados Unidos têm apresentado taxas de crescimento muito superiores às dos demais países. A Argentina, por outro lado, tem diminuído de forma altamente expressiva as compras de uva de mesa do Brasil nos últimos anos, consolidando-se, inclusive, como o segundo maior exportador do produto para o país.

Pelo lado das exportações, é fácil perceber que os países vizinhos (Chile⁴ e Argentina) são os grandes ofertantes; juntos, respondem por mais de 95% das vendas de uva de mesa para o Brasil. Nesse mercado, percebe-se que a Argentina vem crescendo significativamente, com tendência clara de se tornar o maior exportador para o Brasil. O Peru é outro país que merece atenção especial, pois, de acordo com dados da FAO (2012), na última década vem apresentando crescimento e participação importantes nas vendas externas da fruta.

Os dados constantes na tabela 3 permitem também evidenciar que os dois grandes exportadores tendem a apresentar preços médios (US\$/kg) bem inferiores aos preços médios de venda praticados pelo Brasil.

4.3 - Tendências e Sazonalidades nas Exportações e Importações de Uva de Mesa

Partindo para análises mais específicas acerca do comportamento histórico mensal das exportações e importações brasileiras de uva de mesa, inicialmente foi elaborada a figura 4. De maneira geral, ela evidencia que, sobretudo, a partir do início da década de 2000, houve significativa ampliação da concentração das exportações nos meses de setembro a novembro. Por outro lado, as importações tenderam a se concentrar, principalmente, nos meses de janeiro a maio.

Sobre a dinâmica das exportações, embora na região do submédio São Francisco haja possibilidades tecnológicas de se obter mais de duas safras por ano, mediante o manejo da irrigação e a realização de podas programadas

(ARAÚJO; ARAÚJO, 2006; OLIVEIRA FILHO, 2011), a produção direcionada para o mercado externo (em torno de 20% da produção total de uvas de Pernambuco e da Bahia), com crescente ampliação da oferta de uvas sem sementes, passou a se concentrar, principalmente, no segundo semestre, haja vista que nesse período existe entressafra mundial do produto e, por conseguinte, os preços atingem os valores mais elevados.

Quanto às importações, nas últimas duas décadas elas tenderam a consolidar-se, sobretudo, no período de menor oferta nacional do produto que, de acordo com Esperancini, Perosa e Rocha (2004), vai de fevereiro a agosto. Esses mesmos autores destacam ainda que, apesar de apresentarem preços médios superiores aos preços dos produtos nacionais comercializados internamente, as variedades importadas têm se mantido no mercado em função da excelência da qualidade e da oferta de um produto valorizado e diferenciado, como a uva thompson, sem semente.

Os dados dispostos na tabela 4 são úteis para reforçar as considerações acerca da dinâmica recente das exportações e importações nacionais de uva de mesa. Se no ano de 1997 as exportações relativas aos meses de setembro, outubro e novembro corresponderam a, respectivamente, 5,84%, 8,75% e 7,80% das exportações totais do produto, no ano de 2011 essas participações foram, respectivamente, de 28,26%, 60,49% e 10,49%. Pela ótica das importações, os resultados mostram que, ao longo de todo o período analisado, houve ampliação significativa das importações, porém, sem mudanças relevantes em termos de distribuição relativa mensal associada com o ingresso, no mercado brasileiro, de uvas provenientes de outros países.

Com base nos resultados apresentados, é possível afirmar que, relacionado com as exportações e importações brasileiras de uva de mesa, existem grandes sazonalidades, que são caracterizadas pela existência de evidentes picos e vales nos volumes comercializados. No entanto, para mostrar mais claramente a ocorrência dessas sazonalidades, para o período de janeiro de 1997 a dezembro de 2011, foram calculados os índices sazonais mensais (Figura 5).

É fácil visualizar que, enquanto os meses de setembro a novembro tendem a apresen-

⁴De acordo com dados da FAO (2012), o Chile é também o maior exportador mundial de uva de mesa. Em 2009 respondeu por cerca 22% das vendas internacionais da fruta.

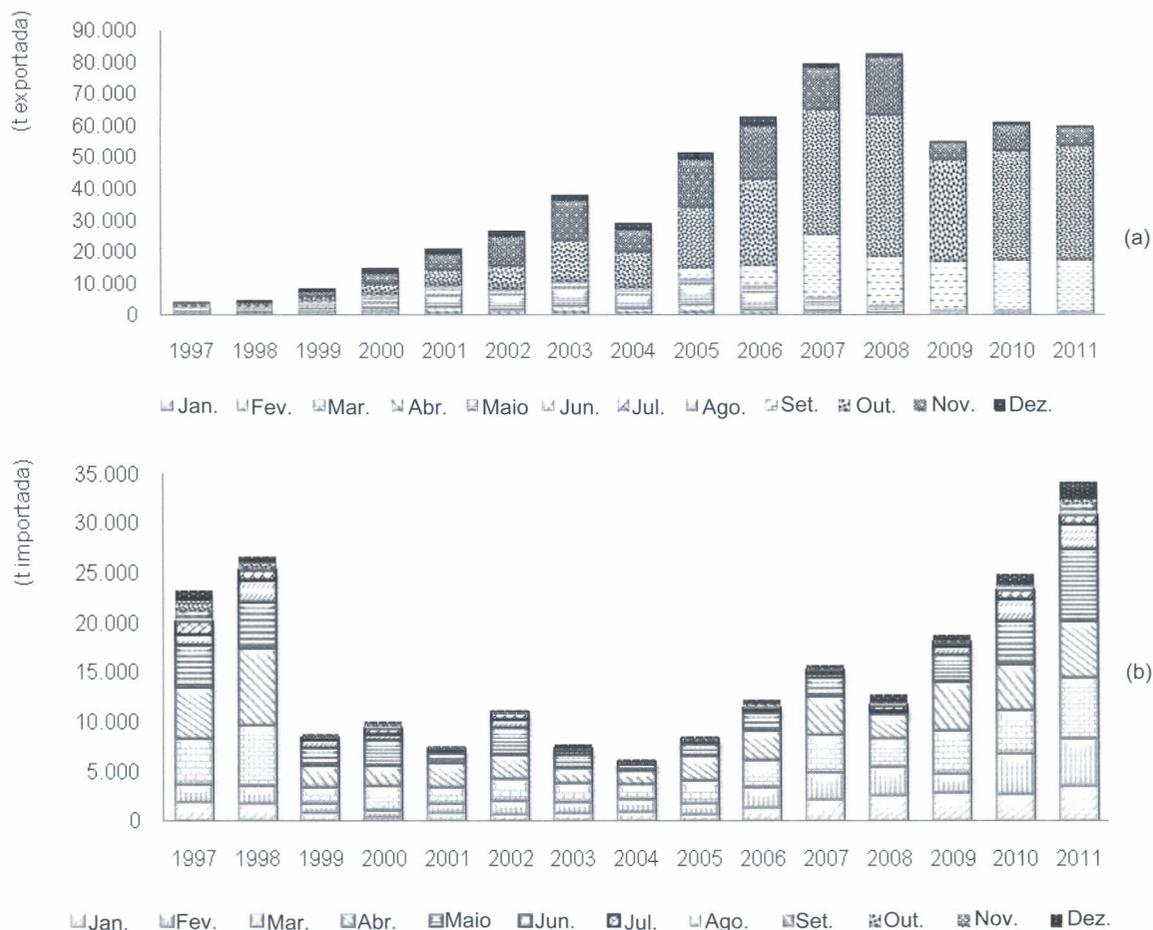


Figura 4 - Evolução Mensal das Exportações (a) e Importações (b) de Uva de Mesa pelo Brasil, Janeiro de 1997 a Dezembro 2011.
Fonte: Elaborada a partir de dados de MDIC/SECEX (2012).

TABELA 4 - Indicadores Mensais Relativos aos Volumes de Uva de Mesa Exportados e Importados pelo Brasil, 1997 a 2011

Var.	Indic.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Exportado	P1 ¹ (%)	0,46	1,68	3,09	1,28	10,90	37,66	5,08	6,76	5,84	8,75	7,80	10,70
	P2 ¹ (%)	0,01	0,02	0,02	0,02	0,03	0,03	0,00	0,15	28,26	60,49	10,49	0,49
	CT ² (%)	-53,55	-84,35	-91,09	-78,47	-96,23	-98,91	-98,57	-63,35	7,658	10,991	2,056	-27,05
	CG ³ (%)	-20,92	-14,42	nc ⁴	nc ⁴	-12,44	-19,98	-19,81	-7,14	44,89	40,87	21,01	-3,97
Importado	P1 ¹ (%)	7,88	7,62	20,45	22,13	18,47	4,81	5,02	1,59	2,88	3,16	1,99	4,00
	P2 ¹ (%)	10,11	14,18	18,05	16,89	21,03	7,40	2,37	1,23	2,04	1,23	0,34	5,14
	CT ² (%)	88,88	174,18	29,99	12,43	67,79	126,34	-30,49	13,82	4,20	-42,61	-75,00	89,21
	CG ³ (%)	9,73	9,74	3,02	1,50	-0,56	-1,38	-1,89	3,32	-0,99	1,98	-1,85	9,31

¹P1(%) e P2(%) correspondem às participações mensais na formação dos volumes exportados e importados nos anos, respectivamente, de 1997 e 2011.

²CT = crescimento total (por exemplo: janeiro de 2011/janeiro de 1997).

³CG = crescimento geométrico periódico.

⁴nc = não calculado.

Fonte: Dados da pesquisa.

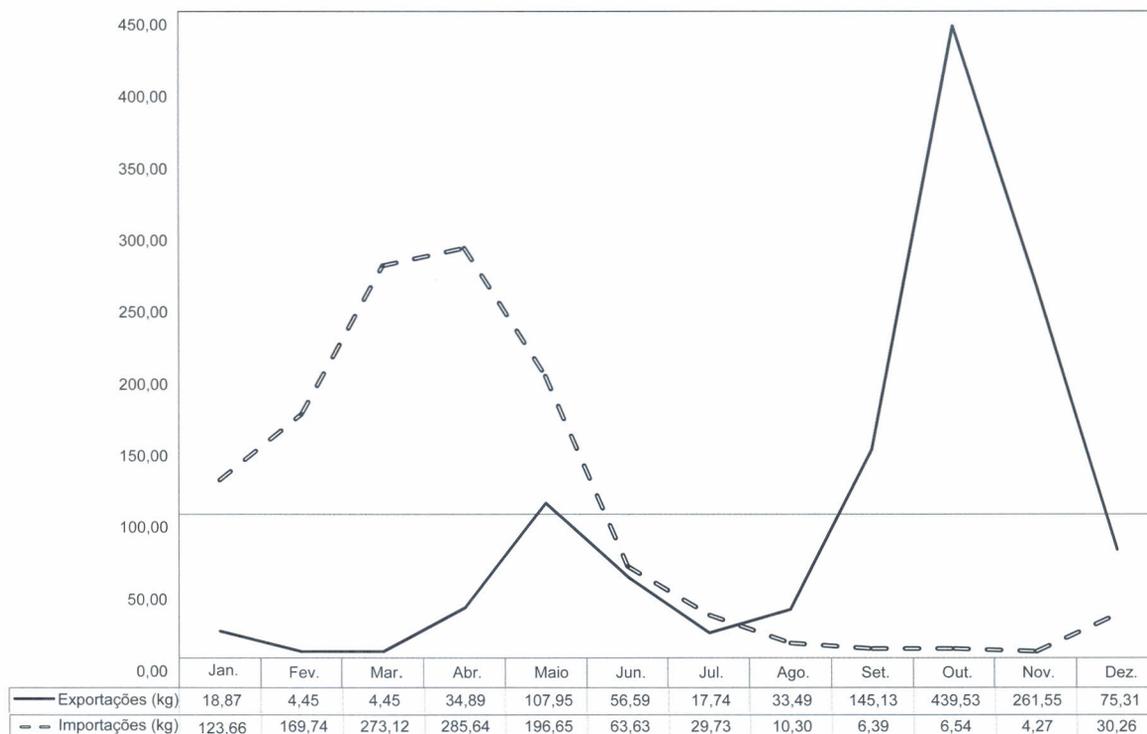


Figura 5 - Índices Sazonais Relativos aos Volumes (t) Exportados e Importados de Uva de Mesa pelo Brasil, 1997 a 2011.

Fonte: Dados da pesquisa.

tar quantidades exportadas muito acima da média, na maioria dos meses do primeiro semestre as vendas externas da fruta tendem a situar-se bem abaixo da média. Para as importações, os resultados são contrários, ou seja, enquanto a maioria dos primeiros meses do ano caracteriza-se por importações muito superiores à média, no segundo semestre as compras do produto no mercado externo são bastante baixas.

Além dos índices sazonais mensais relacionados com o período de janeiro de 1997 a dezembro de 2011, o cálculo de índices sazonais que englobam outros três períodos (janeiro de 1997 a dezembro de 2001; janeiro de 2002 a dezembro de 2006; e janeiro de 2007 a dezembro de 2011) possibilita avaliar a dinâmica sazonal das exportações e importações de uva de mesa (Figura 6).

Para as vendas externas, se o primeiro período (janeiro de 1997 a dezembro de 2001) apresentava distribuição mais uniforme ao longo do ano, ou seja, pouca sazonalidade nas exportações, os outros dois períodos mostram que, a partir dos primeiros anos da década de 2000, o comportamento exportador brasileiro tendeu a

consolidar um padrão sazonal, decorrente de grande concentração das exportações nos meses de setembro a novembro. Por sua vez, nos três períodos citados, não houve mudanças relevantes na dinâmica sazonal das quantidades importadas da fruta.

Sobre os preços unitários de exportação e importação brasileiras de uva de mesa, a partir da tabela 5 e da figura 7, é possível efetuar alguns comentários adicionais. Referente à trajetória histórica, percebe-se que, entre 1997 e 2011, os preços médios mensais recebidos nas vendas externas da fruta tenderam a crescer a taxas muito superiores aos preços médios pagos nas compras internacionais. Se por um lado esse comportamento sugere uma crescente valorização do produto nacional no mercado mundial, por outro sinaliza que os principais exportadores da fruta para o Brasil têm importantes vantagens competitivas em termos de estrutura de custos de produção. Isso porque, embora as vendas para o país tenham sido ampliadas de forma significativa, os preços pagos na importação têm apresentado certa estabilidade, especialmente nos meses do primeiro semestre, em que se concentram as

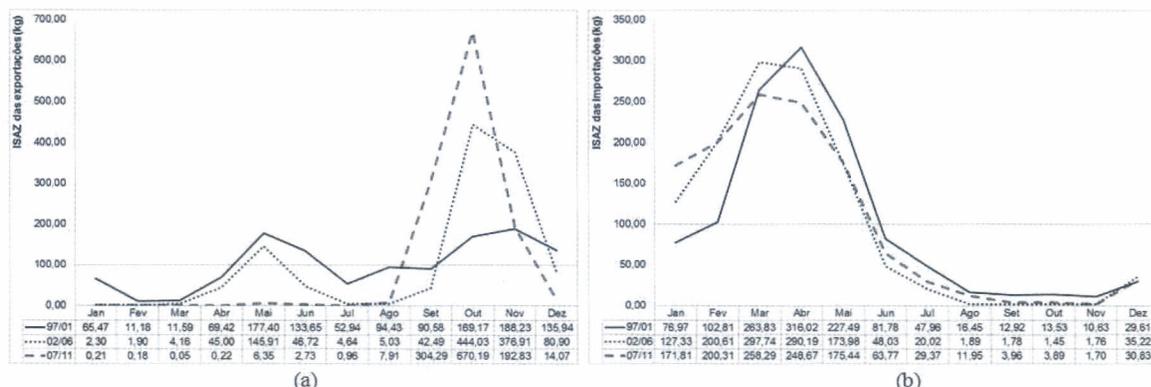


Figura 6 - Índices Sazonais Relativos aos Volumes (t) Exportados (a) e Importados (b) de Uva de Mesa pelo Brasil, 1997 a 2001, 2002 a 2006, 2007 a 2011.

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 5 - Indicadores Mensais Relativos aos Preços Reais Médios da Uva de Mesa Exportada e Importada pelo Brasil, 1997 a 2011

Variável	Indic.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Sep.	Out.	Nov.	Dez.
US\$/kg exportado	CT ¹ (%)	169,53	91,00	111,84	100,51	40,57	43,37	104,40	52,60	37,00	29,59	19,43	4,45
	CG ² (%)	6,67	6,00	6,05	1,25	-1,76	0,17	3,15	5,21	5,01	3,53	3,37	2,97
US\$/kg importado	CT ¹ (%)	-18,40	-9,90	4,91	-3,38	-13,73	-20,21	-21,76	41,30	1,54	8,46	46,60	-1,85
	CG ² (%)	-1,29	-0,39	-0,11	0,00	-0,40	0,26	0,04	2,15	3,46	3,14	4,75	-1,45
\$exp./\$ imp.	CT ¹ (%)	230,31	111,99	101,92	107,52	62,95	79,67	161,25	8,00	34,92	19,48	-18,53	6,41
	CG ² (%)	8,07	6,41	6,17	1,25	-1,37	-0,10	3,10	3,00	1,49	0,38	-1,32	4,49

¹CT = crescimento total (por exemplo.: janeiro de 2011/janeiro de 1997).

²CG = crescimento geométrico periódico.

Fonte: Dados da pesquisa.

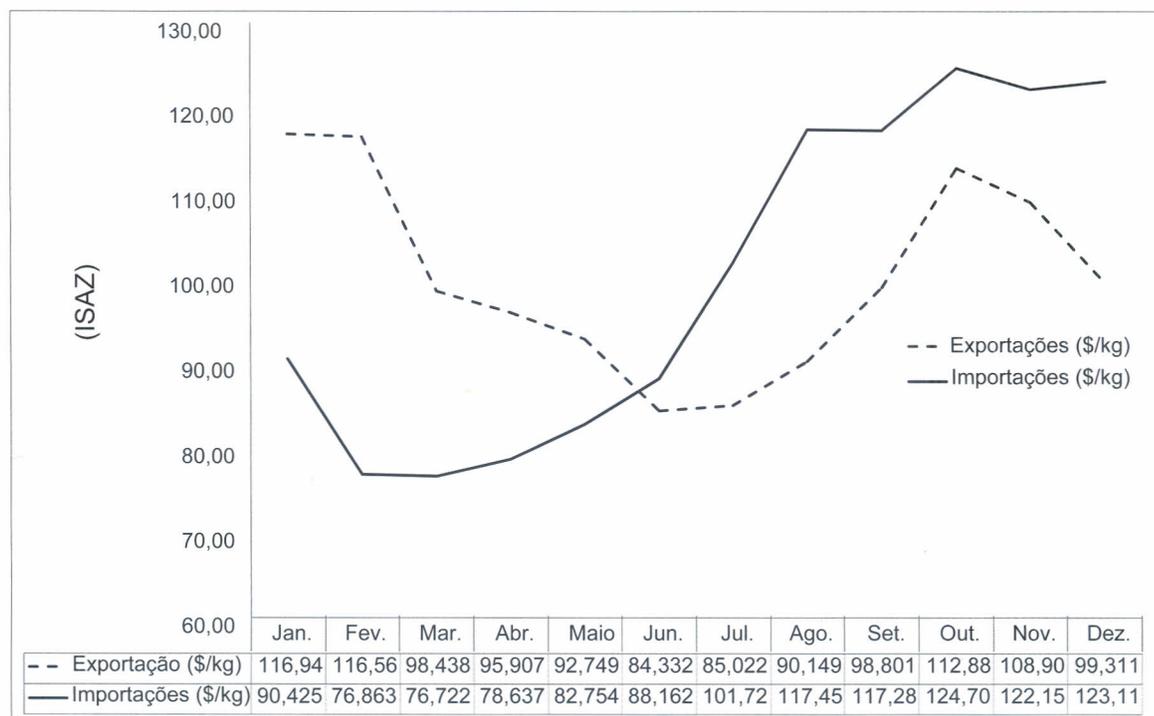


Figura 7 - Índices Sazonais Relativos aos Preços Reais Médios (US\$/kg) das Exportações e Importações Brasileiras de Uva de Mesa, 1997 a 2011.

Fonte: Dados da pesquisa.

maiores importações brasileiras.

Por fim, em termos de sazonalidade de preços, com base na figura 7, notam-se comportamentos um tanto distintos. Para o caso das importações, os preços têm comportamentos contrários aos observados para os volumes importados, ou seja, no primeiro e segundo semestres tendem a estar situados, respectivamente, bem abaixo e acima da média. Isso é reflexo da conhecida lei da oferta e procura, pois o período de maior concentração na oferta de uva importada (primeiro semestre) coincide também com o período de maior produção mundial da fruta, resultando, como consequência, em preços menores que a média.

Para o caso dos preços de exportação, existe também um comportamento explicado pela citada lei. Isso porque, na maior parte dos meses de setembro a fevereiro, em que se situa o período de concentração da grande maioria das exportações brasileiras de uva de mesa, os preços tendem a se situar acima da média, pois, em nível mundial, existe menor oferta da fruta, decorrente da entressafra (Figura 7).

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no conjunto total de discussões realizadas ao longo deste estudo, é pertinente efetuar algumas considerações adicionais acerca de quatro pontos: dinâmica recente das exportações e importações brasileiras de uva de mesa; participação do país no comércio internacional da fruta; riscos de mercado para o setor produtivo nacional; e desafios em termos de competitividade futura.

Quanto à dinâmica recente das exportações e importações, pode-se afirmar que, nos últimos 15 anos, houve mudanças altamente expressivas, associadas com quantidades e preços. Tanto os volumes exportados como os importados apresentaram crescimentos significativos, com tendência de grande concentração em meses, respectivamente, do segundo e primeiro semestres. Pelo lado dos preços, observou-se uma ampliação muito superior nos valores médios unitários vinculados com as vendas externas em relação àqueles associados com as importações do produto. Se por um lado, esse diferencial no comportamento de preços sugere que o pro-

duto nacional vem experimentando uma valorização crescente no contexto internacional, por outro mostra que importantes competidores internacionais, como o Chile e a Argentina, mesmo com preços mais estáveis, têm ampliado suas vendas externas, possivelmente por apresentarem relevantes vantagens competitivas em termos de estrutura de custos.

Embora o Brasil tenha aumentado significativamente as exportações de uva de mesa, decorrente em grande parte da estratégia do setor em ofertar a fruta no exterior no período de entressafra mundial, em que os preços tendem a ser mais elevados, ainda é evidente o fraco desempenho nacional no comércio mundial do produto (em 2009, o Brasil contribuiu com somente 1,4% das exportações mundiais). Esse fato, comentado também por Veloso et al. (2008), de certa forma mostra a enorme dificuldade de transformar o país de um mero coadjuvante em um exportador importante do produto.

A estratégia de concentrar as exportações no período da entressafra mundial também expõe o setor produtivo nacional a consideráveis riscos de mercado. Isso porque, conforme destacado por Funcke et al. (2009), o desenvolvimento tecnológico em importantes países produtores, como Chile, Argentina e África do Sul, tem propiciado condições que, de forma crescente, permitem a oferta da fruta em climas diferenciados e em épocas antes não recomendadas por causa do regime de chuvas. Além disso, os avanços nos processos de transporte e armazenamento de frutas em países do Hemisfério Norte têm possibilitado uma oferta mais contínua ao longo do ano, à exceção de curtos períodos de entressafra. Assim, nos próximos anos, uma contínua expansão da produção mundial de uva de mesa poderá saturar as janelas de mercado disponíveis para a exportação brasileira, forçando a cadeia produtiva nacional a ter que escoar a produção em períodos de maior competitividade internacional, com consequente pressão também nos preços internos da fruta.

Essas constatações, de certo modo, são indicativas relevantes de que, para competir no mercado mundial de uva de mesa, será cada vez mais imprescindível levar em conta questões fundamentais de mercado, como qualidades nutricionais, sanitárias e organolépticas, diferencia-

ção e regularidade de oferta do produto, tendo como foco as tendências e exigências dos consumidores, tanto em nível doméstico quanto internacional.

LITERATURA CITADA

ARAÚJO, E. P.; ARAÚJO, J. L. P. Análise do custo de produção e rentabilidade do cultivo da uva fina de mesa produzida na região do submédio São Francisco. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 13., 2006, Bauru. **Anais eletrônicos...** Bauru: DEP-USP, 2006. Disponível em: <http://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais_13/artigos/455.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2012.

ARÊDES, A. F. de; PEREIRA, M. W. G.; SANTOS, M. L. dos. Análise estrutural da série de preços do suíno no Estado do Paraná, 1994 a 2007. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46., 2008, Rio Branco. **Anais...** Brasília: SOBER, 2008. 1 CD-ROM.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 176 p.

CHATFIELD, C. **The analysis of time series: an introduction**. 5. ed. London: Chapman & Hall, 1996. 286 p.

ESPERANCINI, M. S. T.; PEROSA, J. M.; ROCHA, P. Caracterização do mercado e fatores que interferem na competitividade da uva fresca no Estado de São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 42., 2004, Cuiabá. **Anais...** Brasília: SOBER, 2004. 1 CD-ROM.

FACHINELLO, J. C.; NACHTIGAL, J. C. Introdução à fruticultura. In: FACHINELLO, J. C.; NACHTIGAL, J. C.; KERSTEN, E. (Orgs.). **Fruticultura: fundamentos e práticas**. 2. ed. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009. cap.1.

_____. et al. **Situação e perspectivas da fruticultura de clima temperado no Brasil**. *Revista Brasileira de Fruticultura*, Jaboticabal, v. 33, n. especial, p. 109-120. out. 2011.

FAVA, V. L. Análise de séries de tempo. In: VASCONCELOS, M. A. S.; ALVES, D. **Manual de econometria**. São Paulo: Atlas, 2000. p. 199-203.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION - FAO. **Faostat**. Rome: FAO, 2012. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/default.aspx>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

FUNCKE, A. et al. **Sistema produtivo 04: perspectivas do investimento em agronegócios**. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da UFRJ/Instituto de Economia da UNICAMP, 2009. 100 p. Disponível em: <http://www.projetopib.org/arquivos/04_ds_agronegocio_novas_commodities.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GUJARATI, D. N. **Econometria básica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2006. 819 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Produção agrícola municipal**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda>>. Acesso em: 29 ago. 2012.

LAMOUNIER, W. M. Tendência, ciclos e sazonalidade nos preços *spot* do café brasileiro na NYBOT. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 13-23. jan./abr. 2007.

MARGARIDO, M. A.; BUENO, C. R. F.; MARTINS, V. A. Sazonalidade da cesta de mercado paulistana pós-plano

real. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 33, n. 12, p. 41-50, dez. 2003.

MELLO, L. M. R. **Mercado brasileiro de uvas e vinhos**. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2000. 3 p. (Instrução Técnica, 1).

_____. **Produção e comercialização de uvas e vinhos**: panorama 2003. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2004. 5 p. Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/panorama2003-producao.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2012.

_____. **Vitivinicultura brasileira**: panorama 2007. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2008. 4 p. Disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/panorama2007_vitivinicultura.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2012.

_____. **Vitivinicultura brasileira**: panorama 2011. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2012. 4 p. (Comunicado Técnico, 115).

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Secretaria de Comércio Exterior - MDIC/ SECEX. **Sistema de análise das informações de comércio exterior (ALICE)**. Brasília: MDIC/SECEX, 2012. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br>>. Acesso em: 07 fev. 2012.

NACHTIGAL, J. C. Avanços tecnológicos na produção de uvas de mesa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 10., 2003, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2003. p. 167-170.

NEWBOLD, P. **Statistics for business and economics**. 4. ed. New Jersey: Prentice-Hall, 1994. 867 p.

OLIVEIRA FILHO, F. A. de. **Produção, área colhida e efetivo de uva no Nordeste**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2011. 6 p. (Informe Rural ETENE). Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/etene/etene/docs/informe_uva.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2012.

ORGANISATION INTERNATIONALE DE LA VIGNE ET DU VIN - OIV. **Statistiques du secteur vitivinicole mondial**. Paris: OIV, 2012. Disponível em: <<http://www.oiv.int/>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

PROTAS, J. F. da S.; CAMARGO, U. A. **Vitivinicultura brasileira**: panorama setorial de 2010. Brasília: SEBRAE; Bento Gonçalves: IBRAVIN/Embrapa Uva e Vinho, 2011. 110 p.

SILVA, P. C. G. da; COELHO, R. C. **Cultivo da videira** - Caracterização social e econômica da cultura da videira. A viticultura no Submédio do Vale São Francisco - Importância econômica e social da videira. Petrolina: Embrapa Semiárido, 2010. (Sistemas de Produção, 1 - 2. ed.). Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Uva/CultivodaVideira_2ed/Caracterizaca_social_da_%20videira.html#1Agosto/2010>. Acesso em: 05 mar. 2012.

VELOSO, A. de F. et al. Demanda mundial por uvas de mesa e o desempenho das exportações brasileiras no período de 1990 a 2005. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46., 2008, Rio Branco. **Anais...** Brasília: SOBER, 2008. 1 CD-ROM.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 102 p.

TENDÊNCIAS E SAZONALIDADES NAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE UVA DE MESA

RESUMO: A uva de mesa está entre as frutas de maior consumo e comercialização mundiais. Nesse contexto, o Brasil, apesar de ainda ter participação bastante marginal na exploração e no comércio exterior, está entre os países que têm experimentado destacado crescimento em termos de produção, exportação, importação e consumo da fruta. Diante disso, buscou-se avaliar, principalmente, tendências e sazonalidades recentes vinculadas com as exportações e importações brasileiras de uva de mesa. A partir da utilização de séries temporais mensais e anuais, relacionadas com preços e quantidades importadas e exportadas do produto no período de janeiro de 1997 a dezembro de 2011, foram realizadas, sobretudo, avaliações gráficas, estimadas taxas de crescimento total e geométrico e mensurados indicadores sazonais pelo método das médias móveis aritméticas centralizadas. Com base nos resultados obtidos, pode-se destacar que, referente à dinâmica das exportações e importações brasileiras de uva de mesa, nos últimos 15 anos, houve mudanças altamente expressivas, associadas com quantidades e preços. Além disso, embora o Brasil tenha aumentado significativamente as exportações de uva de mesa, ainda é evidente o fraco desempenho nacional no comércio mundial do produto.

Palavras-chave: índices sazonais, comércio exterior, competitividade.

TRENDS AND SEASONALITY IN BRAZILIAN TABLE GRAPE EXPORTS AND IMPORTS

ABSTRACT: In terms of consumption and trade, the table grape is one of the most important fruits worldwide. Despite Brazil's rather marginal share in its exploration and trade, the country has been showing a strong growth in its production, exports, imports and consumption. Thus, the main objective of this study was to evaluate trends and seasonality in Brazilian table grape exports and imports. The method we used was based on monthly and annual time series related to prices and quantities its exports and imports between January 1997 and December 2011. These time series allowed us to make graphic analyses, estimates of total and geometric growth rates and calculations of seasonal indicators, using the centered moving averages Method. According to the results, the last 15 years have seen a significant growth in the quantities and prices of Brazilian table grapes. exports and imports. Also, although Brazil has significantly increased its exports of table grapes, it still shows a poor performance in the world trade of this fruit.

Key-words: seasonal indicators, foreign trade, competitiveness.

Recebido em 31/08/2012. Liberado para publicação em 21/01/2013.